

UM
MIL NOVECENTOS
E VINTE E NOVE



Jean-Paul Sartre já se interessava por ela havia meses. Aos 21 anos, Simone era a mais jovem dentre os alunos da Sorbonne preparando-se naquele ano para a *agrégation* em filosofia, o competitivo exame nacional para a licenciatura. Dera uma palestra em sala de aula sobre Leibniz, e Sartre se impressionou com sua beleza e sua inteligência, sua voz rouca e a velocidade com que falava.

Seu amigo René Maheu a cortejava desde a primavera. Maheu era casado, mas ele e Simone de Beauvoir pareciam simpatizar muito um com o outro. Iam à Bibliothèque Nationale — a Biblioteca Nacional — estudar para os exames, sentavam-se juntos para trabalhar e almoçavam juntos com frequência. Sartre andara esperando uma apresentação, mas Maheu guardava a colega com unhas e dentes. Uma tarde, os dois amigos passeavam juntos nos Jardins do Luxemburgo, quando viram *Mademoiselle* de Beauvoir do outro lado do lago. Estava sozinha, e era evidente que os vira, mas Maheu preferiu fingir que não a vira a apresentá-la a Sartre.

No início de maio, ela sumiu. Uma semana depois, Sartre e Maheu estavam sentados na janela do auditório num dos compridos corredores labirínticos da Sorbonne, quando ela apareceu, vestida de preto, com um chapeuzinho preto envolto em crepe. Maheu foi ao seu encontro, deu-lhe a mão calorosamente e perguntou por que ela estava de luto, mas não a apresentou ao amigo.

Então Sartre tomou a iniciativa. Durante palestras entediadas, ele e os amigos se entretinham fazendo caricaturas em que manifestavam, sem a menor sutileza, o que pensavam de certos filósofos e suas filosofias. Escolheu uma particularmente irreverente e escreveu em cima: “A *Mademoiselle* Simone de Beauvoir, como lembrança de uma explanação sobre Leibniz”, pedindo a Maheu que a entregasse a ela, no que foi atendido.

Sartre então fez uma sugestão a seus amigos René Maheu e Paul Nizan. Planejavam estudar juntos para os exames orais. Simone de Beauvoir sabia bem Leibniz e era muito inteligente; e se a convidassem para estudar com eles?

Em meados de junho, os exames escritos haviam terminado e só faltava um mês para os orais. Maheu iria ao encontro da mulher na Normandia para passar dez dias. Sartre lhe disse que gostaria de conhecer *Mademoiselle* de Beauvoir antes de começarem a trabalhar em grupo. Sugeriu uma casa de chá na rue de Médicis, em frente aos Jardins do Luxemburgo, a cinco minutos da Sorbonne. Maheu transmitiu o recado, mas disse a Beauvoir recear que Sartre se aproveitasse de sua ausência para apoderar-se dela. “Não quero que ninguém atrapalhe meus sentimentos mais preciosos”, disse Maheu. Sempre falava sobre Sartre com palavras elogiosas, mas quando o assunto era mulher, não confiava nem um pouquinho nele.

Na tarde marcada, Sartre esperou na casa de chá, lendo e fumando seu cachimbo. Levou um susto quando uma jovem loura foi até sua mesa, apresentou-se como Hélène de Beauvoir e explicou que a irmã não pudera vir.

— Como sabia que eu era Sartre? — perguntou ele.

Poupette, como todos a chamavam, ficou sem jeito.

— Porque... você estava de óculos.

Sartre ressaltou que o homem sentado no outro canto também usava óculos.

Ele achou que sabia por que Simone de Beauvoir não aparecera, e já imaginava como ela o descrevera para a irmã mais moça. Tinha razão. Beauvoir dissera a Poupette que ela não teria dificuldade de reconhecer Sartre. Ele era baixíssimo, usava óculos e era “muito feio.”¹

Sartre era galante e levou Poupette para assistir ao novo filme americano *Lulu*. A conversa não engrenou. Quando chegou em casa, Poupette

disse à irmã que Jean-Paul Sartre não tinha nada do homem animado e cheio de energia que Maheu pintava.

A coisa não começava bem. Sartre não tolerava ser rejeitado por uma mulher. Nunca perdoara a mãe por ter tornado a se casar quando ele tinha 11 anos, o que considerou uma traição. Depois, houve aquele episódio traumático em La Rochelle, quando tinha 12 anos.

Seu pai, Jean-Baptiste Sartre, morrera quando Jean-Paul tinha 15 meses. Aos 24 anos, Anne-Marie pegou seu pequeno “Poulou”² e foi morar com os pais em Paris. Ela pertencia à dinastia dos Schweitzers, uma família protestante da Alsácia (o famoso Albert Schweitzer era seu primo), e, como todos os Schweitzers, Anne-Marie era alta e magra. Fisicamente, Poulou puxaria ao pai muito baixo. E, aos dois anos, quase perdeu a vista direita.

Poulou era o pequeno príncipe na casa dos avós, paparicado e idolatrado por eles e pela mãe. Naquela casa patriarcal — dominada pelo autoritário Charles Schweitzer, um homem magro e de barba —, Anne-Marie era como uma irmã mais velha para Poulou. Dependia financeiramente dos pais, que eram condescendentes com ela. Havia três quartos na casa: o do avô, o da avó e o chamado “quarto das crianças”, que Anne-Marie dividia com o filho.

Anne-Marie dava atenção exclusiva a Poulou. Cada um contava seus problemas para o outro. A mãe lia e tocava piano para o filho. Nos domingos chuvosos, os dois discutiam seriamente se iriam ao circo, a um museu ou ao cinema. Charles Schweitzer aparecia à porta de seu escritório revestido de livros.

— Aonde vão, crianças? — perguntava.

Em geral era ao cinema.

“Tudo que eu queria ver era Anne-Marie, a jovem das minhas manhãs”, diria Sartre em sua autobiografia, *As Palavras*. “Tudo que eu queria ouvir era a voz dela.”

Ela me chamava de seu *chevalier servant* e seu homenzinho; eu contava tudo a ela. Mais que tudo (...) descrevia o que via (...)

concedia-me sentimentos pelo prazer de dividi-los com ela (...) Tínhamos nossos mitos, nossa maneira de falar e nossas brincadeiras rituais (...) Eu andava com cara de durão, de mão dada com minha mãe, certo de que poderia protegê-la.

Já grande, Sartre pretendia casar-se com Anne-Marie. Então, em 1916, estava com 11 anos, quando ela se casou de novo. Para Sartre, isso foi uma catástrofe. Deixou-o desolado. O estranho que roubou sua mãe era Joseph Mancy, um engenheiro naval. Até morrer, Sartre sempre odiaria seu “Tio Jo”.

No ano seguinte, o trio complicado mudou-se para La Rochelle, uma pequena cidade portuária na costa Atlântica. Sartre detestou La Rochelle. Seus novos colegas de classe eram os filhos dos pescadores e criadores de ostra locais. Não gostaram dele, um parisiense afetado e zarolho que tinha um jeito de falar engraçado — e não hesitaram em lhe dar uma surra. Sartre não demorou muito a virar também um desordeiro.

Na ânsia de ser popular, roubou dinheiro da bolsa da mãe para pagar doces para os outros meninos na confeitaria local. Todos os meninos da província aparentemente tinham namorada, e Sartre contava histórias inverossímeis sobre a sua, em Paris, que ele levava para um hotel e com quem transara. Os meninos não acreditaram. Na escola em La Rochelle, escolheu uma loura bonitinha, filha de um fornecedor de bordo, e gabava-se dela para os colegas de classe, que alertaram a menina do interesse do colega.

Sartre jamais esqueceu aquela tarde. Encontrou a menina, Lisette, parada com um grupo de amigas. Ele estava de bicicleta. Sem saber o que dizer, ficou rondando o grupo. Finalmente ela disse: “Já terminou, seu zarolho bobão, com esses óculos e esse chapelão?”³ As amigas caçoaram.

A conscientização de sua feiúra atingiu Sartre como uma pedrada. Sua adolescência foi atormentada por isso. Antes dos 20 anos, tomou uma decisão. Contou a uma amiga, Simone Jollivet: “Até o ano passado, eu era muito triste porque sofria por ser feio. Livrei-me completamente dessa tristeza, porque é uma fraqueza. Quem conhece a força que tem deve ser alegre.” Acrescentou: “Chamo esse estado de saúde moral, porque é exatamente o mesmo da pessoa quando tem uma saúde física excelente e se sente com força para dobrar um poste só com uma das mãos.”⁴

Sartre, o futuro existencialista, fizera uma opção existencial fundamental. Se não conseguia seduzir as mulheres com seus dotes físicos, iria seduzi-las com palavras — *les mots*.

Aos 16 anos, Sartre foi mandado de volta a Paris para a antiga escola, o prestigioso Lycée Henri IV, desta vez, interno. Entre seus colegas, estava Paul Nizan, igualmente talentoso e ambicioso e decidido a ser escritor. Nos anos seguintes, Sartre e Nizan tornaram-se amigos inseparáveis.

Na época de colégio, os jovens Sartre e Nizan julgavam-se super-homens. Convencidos de serem muito melhores que as outras pessoas, passeavam por Paris horas a fio, imitando seus heróis literários, encenando papéis, inventando uma língua particular. Sartre fartava-se de histórias de aventura; Nizan iniciou-o na literatura contemporânea. Liam os escritos um do outro e discutiam técnica narrativa.

Do Henri IV, Sartre e Nizan foram para o igualmente prestigioso Lycée Louis-le-Grand, para dois anos duríssimos de preparação para o competitivo exame de admissão à mais elitista de todas as instituições para rapazes do país. Dois anos depois, passaram juntos para a Ecole Normale Supérieure na rue d'Ulm, perto do Panthéon, onde dividiam um estúdio.

Andavam tanto juntos que as pessoas os confundiam, embora seu único atributo físico em comum fosse o estrabismo. Nizan tinha um estrabismo convergente; Sartre, divergente. Enquanto os olhos errados de Sartre eram profundamente desconcertantes, o olhar estrábico de Nizan era bastante atraente. Sartre era truncado, e, com 1,58m, era cruelmente baixo. Tinha a pele pálida e apagada, com marcas de acne e cravos, e aparentava precisar de um banho e umas boas horas de sono. Nizan, moreno e bem-apegoado, vestia-se com a elegância de um janota e às vezes aparecia nas palestras de calções abaixo dos joelhos, balançando um monóculo ou girando uma bengala de cálamo. Sartre admirava muito os trajés do amigo, mas não tentava competir.

Aos vinte e poucos anos, começaram a se afastar por causa do temperamento. Sartre esteve no seu elemento durante os quatro anos que passou na Ecole Normale. Sentia prazer com a independência recém-

descoberta e gostava da segurança de uma comunidade masculina descontraída e elitista, em que brilhava. Jogava bombas de água em amigos em trajes de noite; escreveu um esquete profundamente obsceno para a retrospectiva anual da escola, em que fez o papel de diretor da escola. Os outros normalistas ouviam-no cantar com sua boa voz de tenor enquanto corria entre uma palestra e outra; à noite, tocava piano no salão da escola. Uma vez, meteu-se numa briga porque viu um conhecido, Maurice Merleau-Ponty, sendo hostilizado. No entanto, era um dos líderes na hora do calote, o rito iniciático meio sádico a que eram submetidos os calouros.⁵

Nizan, por outro lado, era infelicíssimo nesse ambiente. Em seu romance autobiográfico *Aden Arabie* (publicado em 1931, quando ele tinha 26 anos), Nizan, marxista na época, era cáustico em relação à Ecole Normale, aquela instituição “ridícula e odiosa” com o *esprit de corps* de seminários e regimentos, onde adolescentes, cansados após anos de estudo intenso para concursos, dedicavam-se a aprender sofismas insípidos com professores que moravam nos bairros ricos da Rive Gauche em Paris.⁶

Nizan sempre teve propensão à melancolia, e na Ecole Normale seu estado de espírito ficou mais sombrio. Num dos retratos mais ternos e penetrantes que já fez, o prefácio à edição de *Aden Arabie* de 1960 (Nizan morreu na guerra em 1940), Sartre fez uma autocrítica dura à sua incapacidade de compreender as profundezas da angústia de Nizan. Quando era estudante, preferia ver a raiva e o desespero de Nizan como extravagância emocional — uma afetação, tal como seu hábito de usar monóculo:

Minha raiva era apenas um sabonete, a dele era real (...) Suas palavras de ódio eram ouro puro, as minhas eram falsas (...) Tínhamos melancolias superficiais em comum (...) Quanto ao resto, eu tentava lhe impor meu otimismo. Ficava lhe dizendo que éramos livres. Ele não respondia, mas seu sorrisinho de lado dizia muito a respeito dessa idéia.

No estúdio que dividiam, Nizan passava dias sem falar com o companheiro. Sartre ficava magoado. E quando Nizan tirou um ano de férias

do clima superaquecido da Normale e pegou um navio para Aden, no Iêmen, Sartre sentiu-se abandonado.

Quase um ano depois, Sartre estava uma noite sozinho em seu apartamento, pensando numa namorada, quando Nizan entrou sem bater. Sartre exultou. Os dois saíram para beber. Foi como nos velhos tempos. Tomando cerveja, tornaram a pôr o mundo à prova. Sartre achava que haviam retomado a amizade no ponto em que haviam se separado. Mas Nizan não voltou a morar na Ecole Normale. Em vez disso, mudou-se para a casa da família da noiva em Montparnasse. Alguns meses depois, casou-se. Sartre ficou apavorado. “Eu havia feito do celibato um preceito moral, uma regra de vida — assim, não poderia ser de outra maneira para Nizan.”⁷

Sartre era conhecido pela inteligência e esperava-se que fosse o primeiro colocado na *agrégation*. Em junho de 1928, para espanto geral, Sartre não passou na prova escrita. Por isso as estava fazendo de novo um ano depois, no verão de 1929, na mesma época que Paul Nizan, que perdera um ano indo para Aden, e Simone de Beauvoir, que ganhara um ano fazendo concomitantemente a prova de mestrado, tendo uma carga dupla de estudos.

Beauvoir já ouvira muitas intrigas sobre Sartre e Nizan, aqueles jovens sem religião que zombavam das hipocrisias burguesas e das sacralidades católicas e só se davam ao trabalho de aparecer em certas palestras. Em torno de Sartre, particularmente, havia rumores de bebedeiras e visitas a bordéis. O terceiro membro do trio, René Maheu, não compartilhava da reputação lendária de ambos. Embora também não se misturasse com a maioria dos colegas, Maheu era um pouquinho menos intimidante.

Em janeiro de 1929, Maheu dera uma palestra em sala de aula que provocara uma discussão animada. Beauvoir ficou encantada com a voz ligeiramente debochada de Maheu, seu “sorriso largo e líquido” e “o ricto irônico que ele dava à boca”.⁸ Apesar de seus ternos bem-cortados, sua tez rosada e seu cabelo louro, ele tinha um ar provinciano. Ela desejava conhecê-lo.

Certa manhã de primavera, Beauvoir ergueu os olhos de seus livros na Bibliothèque Nationale e viu Maheu entrar. Observou enquanto ele tirava o casacão e o cachecol azuis e sentava para trabalhar. Na hora do almoço, viu-o levantar-se e deixar os livros na mesa. Normalmente, ela comia um sanduíche nos jardins do Palais Royal. Naquele dia, foi para o café da biblioteca. Maheu sorriu para ela e lhe deu um lugar em sua mesa como se tivessem marcado um encontro. Conversaram sobre Hume e Kant.

Depois disso, sempre que vinha à biblioteca, Maheu cumprimentava-a calorosamente. Antes das férias de Páscoa, ele foi sentar ao lado dela numa das palestras de Leon Brunschvicg. (Sartre e Nizan boicotavam-nas.) Depois da Páscoa, quando as palestras começaram, ele tornou a sentar ao lado dela. Disse-lhe que era “um individualista”. Da mesma forma ela, disse a jovem. Ele ficou olhando para ela.

— O quê? Você!

Estava convencido de que ela era uma boa católica, dedicada a boas obras. Absolutamente não, garantiu-lhe ela.⁹

“Encontro com René Maheu, ou comigo mesma?”, escreveu Beauvoir em seu diário naquela noite. “Quem mais já me impressionou tanto? Por que esse encontro me deixou subjugada, como se realmente alguma coisa finalmente me tivesse acontecido?”¹⁰

Começou a guardar um lugar para ele ao seu lado na biblioteca. Ele passou semanas tratando-a por “*Mademoiselle*”, com aquela sua voz ligeiramente irônica. Um dia, pegou o caderno dela e escreveu bem grande na capa em letra de fôrma: “Beauvoir = Castor.” O nome dela parecia a palavra inglesa [*Beaver*], e ela também trabalhava como um castor. Desse dia em diante, ele a chamava de Beaver, *le Castor*.

Contou-lhe sobre seus “coleguinhas”, como se chamavam. Conheceram-os no Louis-le-Grand, quando chegou da província, aos 18 anos. Estavam agora com 24. Maheu era “o Lama”, Nizan “o Grão-duque”, Sartre, “o Pequeno Homem.”¹¹ Maheu admirava os dois amigos com paixão, especialmente Sartre, que considerava um gênio. Mas eles eram diferentes dele, explicou. Sartre pertencia à burguesia parisiense; Maheu sentia-se um *parvenu* naquele meio. Gostava de gozar a vida; Sartre e

Nizan não paravam um segundo de analisar. Maheu gostava de campo e ar puro. Eles não davam a menor bola para essas coisas.

Maheu tinha um ar nobre. Lembrava a Beauvoir Jacques, o primo que fora sua paixão na adolescência. Os dois eram personagens graciosos e infantis, que muitas vezes sorriam em vez de falar. Ambos davam valor à beleza — na arte, na natureza e nas pessoas. Para ela, eles eram artistas, poetas.

As amigadas de Beauvoir sempre foram excepcionalmente formais. Mesmo com sua melhor amiga, Zaza, que conhecia desde os 10 anos, usava o formal *vous* em vez do informal *tu*. (Zaza usava o *tu* com todos os outros amigos.) E quando se encontravam ou se despediam, cumprimentavam-se com um aperto de mão. Só havia uma pessoa que abraçava ou beijava Simone, e era sua exuberante amiga polonesa Stépha, que era extrovertida e incontida a ponto de deixar Simone meio tonta.

Graças a Maheu, Beauvoir passou a ter uma consciência de seu corpo que nunca tivera antes. Ele punha a mão em seu braço e balançava o dedo na cara dela de forma debochada. Comentava sobre sua aparência, suas roupas, sua voz rouca. Achava sua rouquidão muito atraente, assegurava-lhe. Beauvoir nunca havia pensado em sua voz antes.

Ela também tinha consciência de Maheu como uma presença física. “Eu o observava vir atravessando os jardins com sua graça bastante sem jeito; olhava suas orelhas, transparentes ao sol como açúcar-cande cor-de-rosa, e sabia que tinha ao meu lado não um anjo, mas sim um homem de verdade”, diria ela em suas memórias. O riso dele era irresistível. “Quando dava vazão à sua alegria, era como se tivesse passado inesperadamente por um planeta estranho e estivesse extasiado, descobrindo sua extraordinária comicidade.”¹²

Nas três semanas até os exames escritos, os dois se viram quase diariamente. Nas raras ocasiões em que não estudava na biblioteca, Maheu aparecia no fim da tarde para convidá-la para tomar um café ou um chá.

Beauvoir estava encantada com suas conversas. Maheu possuía um grande conhecimento de história e mitologia — mais, pensava ela em particular, do que de filosofia — e tinha um jeito divertidíssimo de dar vida ao passado. “Minha maior felicidade é Maheu”, diz ela no diário.¹³

Era também sua maior fonte de angústia. Quando se despediam no fim do dia, ela ficava triste. Ele ia para casa encontrar a esposa. Raramente falavam da vida pessoal dele, mas ele lhe contara que Inès era cinco anos mais velha e representava todos os mistérios e paradoxos da feminilidade. Ele a amava. Ela era bonita. Pertencia a uma família da nobreza católica.

Às vezes, Beauvoir achava Maheu desapontadoramente convencional, particularmente quando se tratava de mulheres. Ele admitia ter uma certa resistência a mulheres inteligentes. Quando Beauvoir lhe contou sobre seu relacionamento atormentado com o primo Jacques, Maheu disse achar que ela deveria se casar com ele. A sociedade não respeitava as mulheres solteiras. Beauvoir emprestou-lhe um romance inglês recente que apreciara — *The Green Hat*, de Michael Arlen. Admirava a heroína independente, Iris Storm. Maheu não.

— Não gosto de mulheres fáceis — disse-lhe. — Por mais que eu goste que uma mulher me agrade, acho impossível respeitar qualquer mulher que eu já tenha tido.

Beauvoir ficou indignada.

— Ninguém *tem* uma Iris Storm!¹⁴

Os exames escritos eram em meados de junho. Beauvoir e Maheu entraram na biblioteca da Sorbonne juntos.

— Boa sorte, Castor — disse-lhe ele gentilmente.

Tomaram seus lugares. Beauvoir colocou uma garrafa térmica com café e uma caixa de biscoitos ao seu lado na mesa. O tópico foi anunciado: “Liberdade e Contingência”. Ela ficou olhando um instante para o teto, e logo sua caneta começou a deslizar na página. Depois disso, quando procurou Maheu, ele havia desaparecido.

Os exames prosseguiram por vários dias. Depois do último, Maheu passou no apartamento da família de Beauvoir, na rue de Rennes, e convidou-a para almoçar. Ia encontrar a mulher na Normandia, contou-lhe, mas, quando voltasse, os coleguinhas iriam estudar juntos para os exames orais. Queriam saber se ela gostaria de juntar-se a eles.

Quando não passou na *agrégation* no ano anterior, Sartre foi obrigado a deixar seu quarto na Ecole Normale. Estava morando agora numa das

casas para estudantes na Cité Universitaire, na periferia sul da cidade. Segunda-feira, 8 de julho de 1929, Maheu apareceu de manhã, como combinado, com *Mademoiselle* de Beauvoir. Sartre abriu a porta e cumprimentou-a educadamente, de cachimbo na boca. Paul Nizan lançou-lhe um olhar dúbio através dos óculos de aro de tartaruga.

Beauvoir ficou chocada com a sujeira do minúsculo quarto de estudante de Sartre. Havia guimbas de cigarro no chão e o ambiente cheirava a azedo e fumaça de tabaco. Havia livros e papéis amontoados por todo lado e caricaturas pregadas na parede. Uma segunda cadeira fora trazida para Beauvoir. Os outros se revezavam entre a cadeira, a mesa e a cama de Sartre. Beauvoir, que passara o fim de semana todo se preparando para aquilo, fez uma leitura minuciosa do *Discurso sobre a Metafísica*, de Leibniz, sentindo-se nervosa como se estivesse prestando o exame oral de verdade.

No fim do dia, Sartre decidiu que ela precisava de um apelido. Brincaram com ela, sugerindo várias possibilidades. Sartre queria chamá-la de “Valkyrie”. Para ele, ela era como uma deusa guerreira virgem *viking*. Não, disse Maheu. Ela era “*le Castor*”. Cerraram os punhos em volta da cabeça dela. Era oficial.

Dedicaram dois dias a Leibniz, e decidiram que bastava; então Sartre pôs-se a explicar o *Contrato Social*, de Rousseau. Beauvoir mostrou ser de longe a melhor em encontrar falhas nos argumentos de Sartre. Nizan franzia o cenho e roía as unhas. Maheu olhava para Beauvoir com franca admiração. Sartre acusou-a de fazê-lo dizer correndo tudo o que sabia. Mas via-se que Sartre adorava transmitir seu conhecimento, e o fazia com paixão. Sabia como deslindar idéias complicadas e torná-las compreensíveis e empolgantes. E enquanto fazia isso, tinha os três dando gargalhadas de alegria. “Cada vez mais, sua mente me parece ter uma força extraordinária”, escreveu Beauvoir em seu diário. “Admiro-o e também me sinto gratíssima pela maneira generosa com que ele se dá.”

Os homens não se continham em sua presença, e Beauvoir muitas vezes se chocava com as coisas que diziam. Mas, havia anos, se rebelava contra o mundo sufocantemente convencional em que fora criada. Seu desafio era um tônico.

Tinham uma linguagem agressiva, um pensamento categórico e eram implacáveis nos julgamentos. Ridicularizavam a lei e a ordem burguesa; haviam se negado a prestar o exame de conhecimento religioso (...) Em todas as ocasiões possíveis — em seu discurso, suas atitudes, seus gestos, suas piadas — punham-se a provar que os homens não eram espíritos rarefeitos, mas sim corpos de carne e osso, atormentados por necessidades físicas e cruelmente engajados numa aventura que era a vida (...) Logo entendi que, se o mundo que esses novos amigos abriram para mim parecia cru, era porque eles não tentavam disfarçar suas realidades; no fim, tudo o que me pediam era que eu ousasse fazer o que sempre desejei fazer: olhar a realidade de frente.¹⁵

Beauvoir nunca imaginara que uma inteligência feroz pudesse acompanhar tamanho senso de humor. Quando pararam de estudar, os homens começaram a cantar, brincar e imitar diferentes personagens. Sartre pôs um disco de jazz no gramofone, depois foram até o parque de diversões na Porte d'Orleans e experimentaram a barraca de tiro ao alvo. Sempre que ganhava um prêmio — uma feia peça de louça ou um romance de dez centavos — Sartre galantemente o entregava a Simone.

Quarta-feira à tarde, o grupo se concedeu o que chamaram de “um enorme recreio” no Café Dupont, no mal afamado bairro de Pigalle em Montmartre. Os homens bebiam cerveja, Beauvoir bebia limonada. Ela entrou numa discussão acirrada com Sartre, e viu que estava debatendo com ele só pelo prazer da discussão.

Sartre e Nizan começaram a planejar a noite do grupo. Maheu interrompeu os dois. Ia levar o Castor ao cinema, disse.

— Está bem, está bem — disse Nizan.

— Pode levar — disse Sartre.

Voltando de ônibus para o Centro naquela noite, Maheu disse a Beauvoir:

— Estou contente que você se dê bem com os coleguinhas, mas...

— Mas você é o Lama, eu sei.

— Você nunca será um dos coleguinhas.

— Claro. Sou o seu Castor.¹⁶

Quinta-feira de manhã, Nizan apareceu com a mulher, Henriette. Para tristeza de Beauvoir, isso significava não estudar. Em vez disso, espremeram-se no carro de Nizan e foram dar uma volta por Paris, parando num bar para tomar café e jogar uma partida de bilhar japonês. As mulheres não simpatizaram uma com a outra. Henriette Nizan achou que Beauvoir vestia-se pessimamente, e parecia pateticamente ansiosa para imitar os homens — fumando, bebendo e até adotando seu idioleto.¹⁷ De sua parte, Beauvoir não tinha muito interesse nas preocupações de Henriette com o novo bebê. Diz no diário: “Falei com ela sobre a filha com um ar simpático, o que aparentemente fez com que ela gostasse de mim e divertiu Sartre e Maheu, que viram nisso uma prova de que sou feminina afinal de contas.”

No almoço, Beauvoir acompanhou os homens tomando um copo de cerveja. Os Nizans deixaram-nos de volta no alojamento estudantil e foram para Montparnasse. Beauvoir, Sartre e Maheu prepararam-se para estudar. Estava quente. Sartre fechou as cortinas para não deixar o sol entrar. Maheu estirou-se na cama, bonito em manga de camisa. Sartre tirava baforadas do cachimbo. Para Beauvoir, naquele retiro penumbroso do mundo, o tempo parecia se dissolver. Estava mais brilhante que nunca naquela tarde, e sabia disso. “Eu me sentia solta”, registrou no diário.

Às oito da noite, correu para o Bois de Boulogne, onde ia encontrar outros amigos — um grupo mais conservador de filósofos ainda católicos praticantes. Entre os que remavam no lago naquela noite, estava Merleau-Ponty. Ela é que apresentara Maurice a Zaza, e, naquele verão mágico, enquanto tanta coisa estava acontecendo na vida de Beauvoir, Maurice e Zaza estavam se apaixonando. Mas Zaza fora proibida de juntar-se a eles naquela noite. Sua família não aprovava.

Zaza Lacoïn, a terceira de dez filhos, pertencia a uma abastada família muito católica. Ela e Simone eram amigas desde os 10 anos, quando competiam como alunas-estrela do Cours Adeline Désir, uma escola particular de meninas católicas em Saint-Germain-des-Prés, que dava menos ênfase à educação do que à oração, ao catecismo, à devoção e ao comportamento. As meninas aprendiam piano, tricô e crochê, pintura em pastel e etiqueta em chás da tarde.

Monsieur de Beauvoir, que era ateu, quisera mudar as filhas para uma escola leiga, o que lhes teria dado uma educação melhor sem que ele tivesse que pagar nada, mas Simone não admitia a hipótese de deixar a amiga para trás. Idolatrava Zaza. Enquanto ela era tímida, infantil e em tudo a aluna obediente e exemplar, a morena Zaza era precoce e rebelde. Simone jamais esqueceria o recital da escola em que Zaza, uma talentosa pianista, tocou uma peça que a mãe insistira ser demasiado difícil para ela. Quando terminou uma apresentação perfeita, a triunfante Zaza, na frente de todos os pais e professores, deu língua para a mãe. Madame Lacoïn apenas sorria.

Mas quando suas filhas chegaram à idade de casar, Madame Lacoïn virou uma tirana. Tinha grandes aspirações sociais para as filhas; nada era mais importante que um bom casamento. Antes que Zaza fosse autorizada até para jogar tênis com um grupo de jovens, sua mãe precisava saber que eles eram de boas famílias católicas.

As meninas Beauvoir não podiam aspirar a um casamento burguês, porque não possuíam dote. Suas perspectivas de casamento caíram muito em 1918, quando os bolcheviques derrubaram o czar numa revolução dramática que fez as ações de ferrovia e mineração russas de Georges de Beauvoir virarem pó. Ele investira quase toda a herança nessas ações e, depois da guerra, já não possuía capital para reabrir seu escritório de advocacia. Passou a trabalhar como vendedor numa firma e noutra até o fim da vida. A família se esforçava para manter as aparências, mas Georges dizia às filhas com amargura: “Vocês nunca se casarão. Terão que trabalhar para viver.”

Mais tarde, olhando para trás, Beauvoir achou isso a melhor coisa que poderia ter lhe acontecido. Quando saiu da escola, decidiu obter a *agrégation*, o que significaria um trabalho seguro como professora do segundo grau numa escola pública. Desejava estudar filosofia. As religiosas do Cours Désir estavam apavoradas. “Para elas, uma escola pública era a mesma coisa que um bordel com alvará”, conta Beauvoir. “Elas disseram à minha mãe que o estudo da filosofia corrompe mortalmente a alma.”¹⁸ Ela concordou em estudar, em vez disso, os clássicos e matemática, numa instituição exclusivamente para moças na periferia de Paris. Por mais um ano, seus pais não lhe permitiram estudar filosofia na Sorbonne.

Os pais de Zaza não deixavam a filha chegar perto da Sorbonne. Pertenciam à burguesia católica francesa tradicional que desconfiava dos intelectuais, especialmente dos filósofos. Consideravam os clássicos, gregos e latinos, cheios de atrocidades. Quanto à literatura moderna, tinham pavor de pensar no efeito que poderia produzir na imaginação de uma jovem. Enquanto Beauvoir estudava grego, latim, filosofia e pedagogia, a vida de Zaza virava uma roda viva de idas à igreja, chás, jogos de bridge, piqueniques e visitas sociais. Ela não se iludia sobre o vazio de sua existência. Queixava-se a Beauvoir que não conseguia dormir e tinha dores de cabeça freqüentes.

Apesar das diferenças entre suas famílias, a amizade das garotas durou. Um momento decisivo aconteceu quando Simone, aos 19 anos, finalmente admitiu a Zaza que não acreditava mais em Deus. Zaza rezou pela alma dela, mas permaneceu fiel à amiga enfrentando uma intensa oposição da mãe. No verão de 1929 — Zaza e Simone tinham 21 anos — a situação chegara a um ponto crítico. Madame Lacoïn não recebia mais a ímpia Simone em casa. Nem deixava Zaza ir passear de barco no Bois de Boulogne com Simone e seus amigos filósofos livres-pensadores da Sorbonne.

Sartre e Beauvoir estavam entre os 76 alunos de todo o país que prestaram a prova escrita de filosofia para obter a *agrégation* em 1929. O concurso garantia um cargo vitalício de professor secundário no sistema francês de ensino público, e o número de candidatos aprovados estava sujeito aos postos disponíveis nas escolas secundárias do país. A filosofia tinha uma longa e venerável tradição na França, e atraía os melhores e os mais inteligentes.

Os resultados foram afixados na tarde de 17 de julho, um dia de calor opressivo em Paris. Vinte e seis candidatos haviam passado, seis deles mulheres. Esse grupo agora estava classificado para prosseguir com os exames orais. Sartre, Beauvoir e Nizan estavam entre eles. Maheu, não.

Maheu deixou Paris naquela mesma tarde, pedindo a Sartre que transmitisse a Beauvoir seus melhores votos de felicidade. Naquela noite,

Jean-Paul Sartre levou Beauvoir para celebrar seu sucesso. “De agora em diante, vou ter você sob controle”, disse.

Não era uma atmosfera romântica. Os exames orais tinham a fama de ser desgastantes ao extremo. Envolviam quatro testes distintos diante de uma banca composta por seis homens. O mais difícil era *la grande leçon*, em que os candidatos sorteavam um ponto de dentro de um chapéu e tinham cinco horas na biblioteca da Sorbonne para preparar uma aula para o terceiro grau. Além disso, havia três análises de textos em grego e latim que os alunos tinham uma hora para preparar. Os exames orais eram acontecimentos públicos. Os melhores alunos, como Sartre e Beauvoir, tinham uma grande platéia.

Durante aquelas duas semanas, enquanto se preparavam para os exames orais, Sartre e Beauvoir praticamente só se separavam para dormir. iam juntos assistir aos exames dos amigos. Entre uma sessão e outra, continuavam se preparando — às vezes com Nizan, em seu estúdio na rue Vavin, sob seu grande cartaz de Lenin. Mas, em geral, preferiam ficar juntos a sós.

Conversavam em bares e cafés cujo acesso sempre fora proibido para Beauvoir. Ela até então só fora ao cinema para assistir a filmes de arte sérios. Sartre agora a levava a filmes de caubói. Passeavam nos Jardins do Luxemburgo e passavam pelas bancas de livros usados às margens do Sena, onde Sartre comprou-lhe alguns dos romances históricos de capa-espada que adorara na adolescência. “Ele se interessava por tudo e nunca tomava nada como certo.” Beauvoir mais tarde escreveu: “Quão acanhado parecia meu mundo ao lado desse universo de uma abundância exuberante!”¹⁹

Em geral, presume-se que foi Jean-Paul Sartre quem transformou Simone de Beauvoir de uma filha obediente da burguesia francesa na livre-pensadora independente que fez mais do que qualquer mulher na França do século XX para sacudir aquela burguesia. Não foi assim. Sartre meramente estimulou Beauvoir a seguir o rumo que ela já tomara. Até Zaza, que não gostava nem um pouco do “Sartre assustador e erudito”, tinha que admitir que Simone escolhera esse rumo por livre e espontâ-

nea vontade. “A influência de Sartre pode ter acelerado um pouco as coisas, só isso”, refletia ela em seu diário em julho de 1929.²⁰

Beauvoir também mantinha um diário, e aqueles cadernos quadriculados preenchidos com sua letra quase ilegível revelam uma jovem que já estava disposta a se expor bastante muito antes de conhecer Sartre. Aos 15 anos — a mesma idade em que tomou a decisão de tornar-se escritora — já se dera conta de que não acreditava mais em Deus. Durante muito tempo, não contou a ninguém. Quando confessou seu segredo tenebroso, aos 19 anos, houve um grande rompimento entre ela e a mãe.

Nessa idade, inspirada pelos escritores franceses André Gide, Maurice Barrès, Paul Valéry e Paul Claudel — homens que agora estavam na meia-idade, mas que, como ela, vinham da burguesia e também se revoltavam com sua hipocrisia —, Simone de Beauvoir era adepta da “sinceridade consigo mesmo” e do compromisso de “chamar uma pá de pá.”²¹ Já questionava a base ética do casamento. “Para mim, uma escolha nunca é final: está sempre sendo feita (...) O horror da escolha definitiva é que envolve não só o eu de hoje, mas também o de amanhã, razão pela qual fundamentalmente o casamento é imoral.”²²

Aos 20 anos, Simone de Beauvoir escolhera um caminho que, percebia cada vez mais, a conduziria à solidão. “Não consigo me livrar dessa idéia de que sou sozinha, estou num mundo à parte, assistindo ao outro como a um espetáculo”, escreveu no diário. “Hoje cedo (...) desejei ardentemente ser a garota que comunga na missa da manhã e tem uma certeza serena (...) O catolicismo de Mauriac e Claudel (...) como está marcado em mim e que lugar há em mim para ele! No entanto (...) não quero acreditar: um ato de fé é o ato mais desesperado que existe e quero que meu desespero pelo menos conserve sua lucidez. Não quero mentir para mim mesma.”

Beauvoir vinha de um mundo em que as mulheres eram excessivamente protegidas e reprimidas. Como mostraria em *Memórias de uma Moça Bem-comportada*, homens e mulheres habitavam mundos nitidamente distintos. As mulheres não votavam. As melhores instituições educacionais da França eram exclusivamente para homens.²³ As mulheres deviam ir à igreja; os homens podiam ser ateus. As mulheres nunca entravam em bares, sequer em cafés. (Quando Beauvoir pôs os pés num

café pela primeira vez na vida, aos vinte anos, considerou-se de uma rebeldia selvagem.) Os homens bebiam e fumavam em público; as mulheres, não. As mulheres permaneciam virgens até o casamento; os homens, não. As mulheres que não casavam inspiravam pena. E mesmo sendo bonita e culta, só com um dote substancial podia aspirar a um casamento desejável.

Às vezes, Beauvoir chamava sua rebeldia solitária de “uma embriaguez”. Mas tinha consciência de que precisaria de uma força extraordinária. “Eu gostaria muito de ter o direito, eu também, de ser simples e muito fraca, de ser mulher”, confessou no diário. “Em que ‘mundo deserto’ eu caminho, tão árido, só tendo o oásis de minha auto-estima intermitente.”

Sentia que, para as mulheres, o amor tinha um custo, e que havia uma parte dela que provavelmente nenhum homem jamais aceitaria. “Falo do amor de forma mística, sei o preço”, diz ela. “Sou muito inteligente, muito exigente e muito engenhosa para alguém ser capaz de se encarregar completamente de mim. Ninguém me conhece nem me ama completamente. Só tenho a mim.”

Para Sartre, como homem, o que estava em jogo era diferente. Ele podia satisfazer seu conceito romântico de amor sem colocar em risco sua qualidade de sujeito. Sonhava com passeios ao luar e conversas ternas num banco de parque à beira-mar. Fantasiava tomar conta de uma bela jovem, protegê-la, salvá-la. Gostava de sentimentalismo, adoração, bobagens ternas sussurradas. Isso lhe lembrava a relação amorosa que tinha com a mãe na infância. Anne-Marie ainda o chamava de Poulou.

Como homem, sua vida sexual podia ser separada de seus sonhos de amor. Sartre perdeu a virgindade aos 18 anos, com uma mulher casada de trinta, que tomou a iniciativa. (“Fiz isso sem muito entusiasmo”, disse Sartre mais tarde, “porque ela não era muito bonita”.) Depois disso, foi a vez das prostitutas dos Jardins do Luxemburgo. Nos anos de Ecole Normale, Sartre e seus amigos eram assíduos freqüentadores de bordéis. Sentiam desprezo por essas mulheres. “Achávamos que uma moça não devia se dar assim.”²⁴

Aos 21 anos, Sartre cortejou uma jovem que morava em Lyon. O romance dos dois era alimentado por longas cartas narcisistas. “Amo você loucamente”, dizia-lhe Germaine Marron. “Você me acha simples, sem afetações, o que é verdade, mas, na fina sociedade lionesa, pareço um animal selvagem.”²⁵ Ficaram noivos. Aos 23 anos, Sartre, como um bom filho de burguês, pediu à mãe e ao padrasto para pedir formalmente a mão da moça em casamento.

Quando Sartre foi reprovado na *agrégation* no verão de 1928, a família Marron terminou o noivado. “Em vez de juntar-me aos meus amigos para jogar tênis, fui sozinho para um campo com uma garrafa, e bebi”, lembra Sartre. “Até chorei. Chorei porque tinha bebido, mas foi bom (...) fiquei aliviado. Não sei se agi muito bem nesse caso todo.”²⁶

Escondido da noiva, Sartre tivera uma ligação tempestuosa com Simone Jollivet, uma loura dramática que desde os 18 anos trabalhava como cortesã num bordel elegante em Toulouse. Seus clientes a encontravam parada na frente de uma lareira lendo — nua em pêlo a não ser por seus cabelos de Rapunzel. “Sua cultura, seu porte altivo e a técnica sutil que ela trazia para o trabalho derrubavam funcionários públicos e advogados”, conta Beauvoir com ironia em suas memórias.²⁷

Jollivet era três anos mais velha que Sartre e ambicionava muito tornar-se escritora. Sartre fez-lhe uma lista de leitura, encorajou-a, deu-lhe aulas. Para ele, sua orientação impediria que ela sabotasse a própria vida. Ela corria o risco de não passar de uma Madame Bovary sonhadora; ele a transformaria numa artista. Ela reclamava que as cartas dele eram “pequenas aulas”.²⁸ Ele respondia: “Quem a fez ser quem é? Quem está tentando evitar que vire uma burguesa, uma esteta e uma puta? Quem toma conta de sua inteligência? Só eu.”²⁹

Sartre levou-a uma vez a um baile da Ecole Normale. Apareceu de polainas, de braço dado com Simone Jollivet vestida com um de seus sensacionais trajes. Ela causou um grande rebuliço. Como prova de amizade, deu a Sartre e a Nizan um abajur de seu estúdio, feito com uma calcinha cavada de renda púrpura — sua.

Os resultados da *agrégation* saíram no dia 30 de julho de 1929. Vinte e um alunos haviam prestado o exame oral (vários dos alunos classificados

não compareceram), e 13 passaram. Jean-Paul Sartre ficou em primeiro lugar. O segundo colocado, com apenas dois pontos de diferença, foi Simone de Beauvoir. Havia uma distância considerável entre ela e o terceiro colocado. Paul Nizan ficou em quinto lugar.

Quatro dos 13 candidatos que passaram eram mulheres. Foi um recorde. Só havia oito mulheres na França com *agrégation* em filosofia. O presidente da banca de examinadores, professor André Lalande, sentiu-se na obrigação de comentar o fenômeno. As mulheres não foram tratadas com nenhuma indulgência especial, assegurou. Os exames escritos eram anônimos e era impossível, disse, determinar o sexo de pessoas letradas pela caligrafia.³⁰

O triunfo intelectual mais estarrecedor naquele ano foi sem dúvida o de Simone de Beauvoir. Tendo assumido uma intimidante carga dupla de trabalho, ela era, aos 21 anos, a pessoa mais jovem a conseguir a *agrégation*. Só tinha três anos de estudo de filosofia em nível de terceiro grau. Sartre tinha sete.³¹ Ao contrário dele, não tivera o treinamento intelectual rigoroso de dois anos de aulas preparatórias (*hypokhâgne* e *khâgne*) para o exame de admissão à Ecole Normale Supérieure, seguido da própria ENS. Era apenas uma simples aluna da Sorbonne. E não tinha experiência nenhuma nos exames.

Mais tarde viria à tona que a banca de 1929 discutira muito se dava o prêmio a Sartre ou a Beauvoir. Os membros haviam ficado impressionadíssimos com a argumentação rigorosa da jovem. Finalmente, decidiram por Sartre. Ele era, afinal de contas, o *Normalien*, e prestava o exame pela segunda vez.

Em agosto de 1929, Simone de Beauvoir partiu com a família para as férias anuais no Limousin. Ela adorava aquela região da França. Os verões de sua infância passados com a família do pai na vasta propriedade chamada Meyrignac, na região colinosa perto de Uzerche, foram idílicos. Aquele verão, seu avô já não estava mais ali — fora pela morte dele que ela andara de luto aquela primavera — e eles ficaram com sua tia e seus primos na segunda casa da família, La Grillière, a 4 quilômetros do vilarejo de Saint-Germain-les-Belles. Beauvoir sabia que provavelmente

aquelas seriam suas últimas férias de verão com a família. A idéia já a havia angustiado. Mas, naquele ano, seu futuro parecia completamente empolgante.

Ela passeava por campos e castanhais, sorvendo a fragrância do feno recém-ceifado e da madressilva, sentindo-se apaixonadamente feliz. No segundo dia, chegou uma carta de Sartre. Beauvoir registrou no diário que sentia falta da presença dele. Tinha muitas coisas que gostaria de lhe contar. Mas não estava apaixonada. “Eu preciso de Sartre e amo Maheu. Amo Sartre pelo que ele me traz e Maheu pelo que ele é.”

Depois de vários dias sem notícias de Sartre, ficou angustiada. “Por que esse silêncio, logo depois de uma carta onde me soltei?” Finalmente, chegou um envelope grosso, que dava detalhes de sua visita iminente.

Ela foi recebê-lo na estação em 20 de agosto. “Uma felicidade imensa”, diz ela, “e alguma timidez que me deixaram artificial.” A perspectiva de entretê-lo no Limousin intimidava. Será que ele se aborreceria longe de Paris? No primeiro dia, ela sugeriu um passeio a pé. Sartre riu. Era alérgico a clorofila, disse, e a única maneira pela qual conseguia lidar com isso era esquecer o assunto. Encontrariam um belo campo, sentariam e conversariam. No fim daquele dia, Beauvoir pôde ver que aborrecimento nunca seria problema deles. “Percebi que mesmo se continuássemos falando até o dia do Juízo Final, eu ainda acharia que o tempo era curtíssimo.”³²

Sartre ficou no Hôtel de la Boule d’Or em Saint-Germain-les-Belles, a cidade em que os primos de Beauvoir iam à missa aos domingos. Beauvoir acordava às sete horas, ficava um pouco na cama, feliz com a idéia de vê-lo, depois atravessava os campos correndo para encontrá-lo, pensando em todas as coisas que queria lhe contar naquele dia. Se a esperassem em casa para o almoço, levava cidra, queijo e pão de gengibre para ele comer enquanto esperava por ela no campo. Às vezes, Pouquette e sua prima Madeleine deixavam para ele um piquenique num pombal abandonado na estrada da casa.

Sartre era um ouvinte atento, e Beauvoir viu que as histórias fluíam de dentro dela. Eles deitavam juntos na relva, e enquanto as sombras os envolviam, ela falava de sua vida — de seus pais, de Pouquette, do Cours Désir, de Zaza, Jacques. Sartre tinha um talento para ver as coisas do

ponto de vista dela. Quando ela lhe contou sobre seu primo Jacques e as esperanças que ela já tivera de se casar com ele, Sartre comentou que devia ser difícil para uma mulher da origem dela não se casar, mas, pessoalmente, ele achava aquilo uma armadilha. Admirava seu “espírito de Valquíria”, e esperava que ela nunca o perdesse.

Sartre era encorajador; também estava cheio de projetos e planos para o futuro deles juntos. Teriam aventuras e viagens, disse-lhe, trabalhariam muito, e ao mesmo tempo levariam vidas fascinantes de liberdade e paixão. Ele lhe daria tudo que pudesse. A única coisa que não podia lhe dar era sua individualidade. Precisava ser livre.

Era óbvio que a ajuda de Sartre não seria do tipo convencional. Ele desdenhava qualquer coisa que soubesse a conformismo ou convencionalismo. A idéia de um emprego regular, com colegas e um chefe, era anátema para ele. Tampouco queria ser um literato profissional, escrevendo num escritório cheirando a mofo e revestido de livros. A idéia de se estabelecer num lugar não tinha graça. E embora já tivesse sido noivo, atualmente, a perspectiva de se casar, ter filhos e adquirir bens o horrorizava. Ele tinha uma missão: ser um grande escritor. Nada mais importava. Para escrever, tinha que experimentar o mundo.

Sartre explicou a Beauvoir sua teoria da liberdade e da contingência. Era o tema sobre o qual haviam feito o exame escrito. Para ele, os indivíduos viviam num estado de absurdo fundamental, ou “contingência”. Deus não existia; a vida não tinha um significado preexistente. Cada indivíduo tinha que assumir sua liberdade, criar sua própria vida. Não existia ordem natural; as pessoas seguravam o destino com as próprias mãos. Cabia a elas determinar a substância de suas vidas, até a maneira que escolhiam para amar. Ser livre era assustador. A maioria das pessoas fugia de sua liberdade. Mas Sartre abraçava a dele. Não permitiria que nenhum código preestabelecido determinasse a *sua* vida. Sua vida seria sua própria construção. Beauvoir achou isso uma bela filosofia.

Nos primeiros dias, os dois se encontravam de manhã na praça da cidade. Caras curiosas observavam-nos de trás de cortinas. Mais tarde, escolheram um lugar mais discreto, um castanhal entre La Grilloière e a cidade. Em Paris, Beauvoir sentira-se constrangida quando Sartre a beijara. Mas naqueles campos do Limousin, cercados pelo canto dos pássa-

ros, gostou de seus beijos e carícias delicados. “Agora, aceito sem embaraço a sensação ligeiramente perturbadora de estar em seus braços e sentir sua força”, escreveu no diário. “Minha admiração e minha fé em Jean-Paul são absolutas, e minha ternura por meu querido Leprechaun não tem reservas.”

No quinto dia da estada de Sartre, os dois estavam deitados juntos num campo quando viram os pais de Simone vindo na direção deles. Levantaram-se de um pulo. O pai de Simone parecia constrangido. Disse a Sartre que as pessoas estavam falando deles, e receava ter que lhe pedir que deixasse a região. Simone ficou rubra de raiva e disse ao pai que aquilo não era jeito de falar com o amigo dela. A mãe começou a gritar com ela. Sartre disse calmamente mas com firmeza que iria embora assim que pudesse, mas que ele e a encantadora filha deles estavam trabalhando numa investigação filosófica, e primeiro tinham que terminá-la. Os pais foram para casa.

Sartre normalmente jantava no hotel, e Simone ia para casa. Depois do jantar, ela voltava com Poupette e a prima Madeleine. Sartre organizava intermináveis jogos animados. Fazia-as improvisar peças e representar papéis. Dando o tom com sua bela voz de tenor, punha-as para cantar. “Ríamos sem parar”, lembrava Poupette, “e o verão passou suavemente”.³³

Sartre foi embora em 1º de setembro, e Beauvoir registrou suas idéias e suas memórias desses “dias perfeitos”. Ele a chamara de “meu doce amor”. Dissera-lhe que a amava, e garantiu-lhe que sempre a amaria. Disse que tinha medo de magoá-la. “Você não sabe quão terna sua expressão pode ser, menininha querida.”

“Esta era a ‘vida’ que eu estava esperando”, diz. Pela primeira vez, conhecera um homem que considerava superior a ela. Sentia-se compreendida por ele, amada e apoiada. Sartre ajudá-la-ia a ser uma valquíria forte e alegre. Seu amor era cheio de promessas, cheio de certeza. Com ele, ela sentia uma harmonia bem extraordinária (“Ah! Muito mais do que com o Lama ou com Jacques”). Havia algo incrivelmente vital naquele homem. Ele fazia com que ela quisesse se descobrir: fazia com que quisesse descobrir o mundo. Com ele, ela sabia que nunca estagnaria.

Não era “uma paixão avassaladora”, diz no diário. Ainda não. Não era comparável à “loucura” e “obsessão” que já sentira por Jacques. “Mas é felicidade.” O mais empolgante era o sentimento de que através de Sartre ela se descobrira. “Jamais gostei tanto de ler e pensar. Jamais estive tão viva e feliz, ou previ um futuro tão rico. Ah, Jean-Paul, querido Jean-Paul, obrigada.”³⁴

Uma semana depois da partida de Sartre, tarde da noite de uma sexta-feira, Beauvoir estava esperando Maheu na plataforma da estação de Uzerche. Essa atitude marcava sua nova independência dos pais. Maheu vinha passar o fim de semana, e convidara-a para ficar com ele — em quartos separados — num hotel.

Ele saltou de um vagão de segunda classe cansado, barbado, o casaco pendurado no ombro e o chapéu amassado. Tomaram um ônibus para um hotelzinho à beira do Vézère. Beauvoir ouviu-o cantando no quarto ao lado enquanto tomava banho e se barbeava, e pensou consigo mesma quão feliz estava. Depois do jantar — ele não estava com fome, e ela comeu quase toda a comida dele assim como a dela — foram até a igreja no alto da colina e contemplaram as estrelas. Conversaram durante uma hora no quarto dela, depois ele lhe beijou a mão com ternura, desejou-lhe boa-noite e foi para o quarto.

No dia seguinte, caminharam à beira do rio. Ele cantou “So Blue” e lhe contou histórias dos romanos e dos gauleses naquela região. Almoçaram numa pousada. Ele trepou numa árvore. “Nunca esquecerei o erudito René Maheu trepado num galho, as calças de flanela cinza arregaçadas, o cabelo na cara, os pés da cor do crepúsculo”, diz Beauvoir no diário. Tinha os sapatos encharcados, então andou descalça. Maheu atirou seixos na água.

Naquela noite, no jantar, ele pediu uma garrafa de Chablis Villages, 1923. Quando ela levantou da mesa, tinha a cabeça rodando. Maheu espreguiçou-se ao seu lado em sua cama. Os dois estavam deitados juntos, mas Maheu não fez nenhum movimento. Parecia não querer ir embora, e ela não queria mandá-lo fazer isso. Ele falava, e ela olhava para ele, através de uma bruma. Depois que ele saiu, ela passou mal. “Noite atroz.”

A manhã seguinte foi doce. Ela adorou o “Bom-dia, Castor” dele, seus pijamas azuis, sua água-de-colônia e o sabão que ele lhe emprestou. Ainda não se sentia bem, e ele estava todo carinhoso e solícito. Pegou o braço dela. Beijou-lhe os cabelos. Estava, como sempre, alegre e vivo, distante e próximo, irônico e terno, seu “príncipe dos lamas”.

Depois que ele partiu no trem, Beauvoir registrou no diário: “Foi como um sonho que durou dois dias.” Concluiu: “Sei exatamente o que ele é. O que Sartre é. Mas falarei disso depois.”

Quando regressou a Paris em meados de setembro, Simone de Beauvoir mudou-se da casa dos pais para um quarto alugado da avó, no quinto andar da avenue Denfert-Rocherau 91, em Montparnasse. Sua avó tratava-a exatamente igual aos outros inquilinos; a neta podia entrar e sair à vontade. Beauvoir comprou uma mobília barata: uma mesa, duas cadeiras, estantes, um divã laranja. Sua irmã, Poupette, ajudou-a a colocar um papel de parede laranja vivo. Beauvoir pendurou um desenho de Michelangelo que Maheu lhe dera, e algumas caricaturas feitas por Sartre e Nizan. Stépha, sua amiga polonesa, trouxe flores, que Beauvoir colocou na mesa, ao lado de alguns livros, da caneta-tinteiro e dos cigarros ingleses. Olhou em volta embevecida. Afinal começava sua nova vida.

NOTAS

¹ Hélène de Beauvoir, *Souvenirs* (Paris: Librairie Séguier, 1987) p. 90.

² “Mon petit poulet”, “mon poulot”, “ma poulotte” ou “ma poulette” são termos carinhosos em francês, e significam “meu franguinho”. “Poulou” é uma variante engraçada.

³ Entrevista de Sartre a John Gerassi [doravante, entrevista de Gerassi com Sartre], 18 de dezembro de 1970, Beinecke Library, Yale; e com Catherine Chaîne, *Le Nouvel Observateur*, jan-fev de 1977. 31 de jan, p. 74-87 e 7 de fev. p. 64-82.

⁴ Sartre [doravante S] a Simone Jollivet, carta não datada, 1926, em *Witness to My Life* [*The Letters of Jean-Paul Sartre to Simone de Beauvoir, 1926-1939*], [doravante *Witness*], trad. Lee Fahnestock e Norman MacAfee (Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1992), p. 21.

⁵ Raymond Aron. *Mémoires*, (Paris: Julliard, 1983) p. 32. Aron às vezes ficava chocado com a brutalidade das peças que Sartre concebia.

- ⁶ Paul Nizan, *Aden Arabie* (Paris, Rieder, 1931).
- ⁷ Prefácio de Sartre à edição de 1960 de *Aden Arabie*.
- ⁸ Simone de B, doravante S de B, *Memoirs of a Dutiful Daughter* [doravante *MDD*] [Memórias de uma moça bem-comportada], trad. James Kirkup (Cleveland: World Publishing Co., 1959), p. 310-13.
- ⁹ *MDD*, p. 311.
- ¹⁰ Beauvoir cita essa passagem de seu diário em *MDD*, p. 311.
- ¹¹ O “Pequeno homem” é o herói de *O Livro da Jangal* de Kipling, o menino criado na selva que acaba sendo trazido de volta à civilização pela visão de uma bela jovem.
- ¹² *MDD*, p. 312-13.
- ¹³ Diário de Beauvoir (inédito). 3 de maio de 1929. Documentos de Beauvoir, Biblioteca Nacional, sala de manuscritos, microfilme 6.538-6.539.
- ¹⁴ *MDD*, p. 325 (trad. modificada).
- ¹⁵ *MDD*, p. 336-37.
- ¹⁶ Diário de Beauvoir.
- ¹⁷ Henriette Nizan e Marie-José Jaubert. *Libres Mémoires*. (Paris: Robert Laffont, 1989).
- ¹⁸ *MDD*, p. 160.
- ¹⁹ *MDD*, p. 339-40.
- ²⁰ Diário de Zaza, 14 de julho de 1929. *Zaza: Correspondance et Carnets d’Elizabeth Lacoïn* (1914-1929) [doravante, *Zaza*] (Paris: Seuil, 1991), p. 304 e 367.
- ²¹ *MDD*, p. 194.
- ²² Diário inédito, 6 de maio de 1927, citado em Margaret A. Simons, *Beauvoir and the Second Sex: Feminism, Race, and the Origin of Existentialism* (Lanham, Md: Rowman and Littlefield, 1999) p. 195.
- ²³ Uma Ecole Normale Supérieure para mulheres fora fundada em Sèvres, nos arredores de Paris, em 1881, mas nem de longe tinha o prestígio das instituições masculinas no coração do Quartier Latin, e não incluía filosofia no currículo.
- ²⁴ S de B, *Adieux: A Farewell to Sartre* [doravante *Adieux*] (*A Cerimônia do Adeus*), trad. Patrick O’Brian (Nova York: Pantheon, 1984) p. 294-95.
- ²⁵ Marron a S, 4 de novembro de 1927, catálogo da Sotheby’s, *Collection Littéraire*, Paris, 26 de junho de 2002.
- ²⁶ “Sartre et les femmes”, entrevista com Catherine Chaîne, *Le Nouvel Observateur*, 31 de janeiro de 1977, p. 74-87.
- ²⁷ S de B, *The Prime of Life (A Força da Idade)* [doravante *PL*], trad. Peter Green (Nova York: World Publishing, 1962), p. 77.
- ²⁸ S a Jollivet, abril de 1926, em *Witness*, p. 19.
- ²⁹ S a Jollivet, abril de 1926, em *Witness*, p. 9.
- ³⁰ Ingrid Galster, “Cinquante ans après *Le Deuxième Sexe*. Beauvoir en débats”, *Lendemain* 94 (1999).

³¹ Toril Moi mostra isso em *Simone de Beauvoir: The Making of an Intellectual Woman* (Londres e Cambridge, Mass.: Blackwell, 1994).

³² *PL*, p.12 (trad. modificada).

³³ Hélène de Beauvoir, *Souvenirs*, recueillis par Marcelle Routier (Paris: Séguier, 1987), p. 94.

³⁴ Diário de Beauvoir, 2-4 de setembro de 1929.